

Relações com Investidores Deu no Financial Times...

Márcio Veríssimo*

Deu no Financial Times, o Novo Mercado é um sucesso!! Em linha com o que já vínhamos destacando nesse espaço nos últimos meses, o Financial Times elogiou os resultados obtidos pelo Novo Mercado e pelos Níveis Diferenciados de Governança Corporativa da Bovespa.

Como era de se esperar, o artigo veio com uma no cravo e outra na ferradura. Os elogios não vieram de graça. Foram acompanhados de duras críticas às condições médias do mercado.

Em primeiro lugar, o artigo, acertadamente, identificou o período de privatizações como um grande retrocesso no ambiente institucional e regulatório do mercado de capitais brasileiro, quando muitas das proteções aos minoritários foram retiradas para o governo pudesse maximizar seu quinhão nas privatizações.

Adicionalmente, o artigo criticou a postura das companhias com controle familiar que tratam seus investidores com indiferença.

Finalmente, o artigo destacou ainda a morosidade dos tribunais brasileiros, diminuindo a proteção dos investidores.

Ao elogiar a importância do Novo Mercado, também destacou que apesar de ser um grande avanço, foi um avanço dado pela Bovespa – uma instituição privada, que não abrange todo o mercado.

Nenhum desses temas é novo para os leitores desse espaço, mas temos a esperança que a publicação de um resumo tão preciso dos avanços e mazelas do mercado de capitais brasileiro no principal jornal financeiro do mundo chame a atenção das autoridades e organizações de classe locais para redobrar seus esforços para criar um ambiente institucional e regulatório adequado.

Apesar do tom geral do artigo do

Financial Times ser positivo, acredito que seja mais válido focarmos no que este destaca como negativo. É sempre válido reconhecer as boas iniciativas e mais de uma vez elogiamos a Bovespa nesse espaço, mas precisamos pensar no futuro.

Se hoje o artigo é positivo e destaca as dezenas de emissões primárias e secundárias dos últimos anos, bem como a excelente valorização de mercado das companhias brasileiras, estamos bastante acostumados com as reviravoltas do mercado brasileiro para não nos deixarmos entusiasmar em demasia e esquecer de cumprir nosso dever de casa.

Hoje, a situação global é impressionantemente positiva, com um colchão de liquidez que tem se refletido em condições muito favoráveis para o Brasil. No entanto, as taxas de juros mundiais não vão continuar tão baixas indefinidamente, os inflados mercados imobiliários – particularmente o americano – vão ter que se ajustar, a China vai ter que reestruturar o seu sistema financeiro, etc.

A pergunta que temos que nos colocar é: O que iremos fazer quando a situação mundial piorar? Existem apenas 2 alternativas, podemos nos preparar criando condições favoráveis internamente e conseguirmos um resultado relativamente bom ou podemos continuar como “ganhadores da loteria” que não trabalham até a fonte secar e culpar a fonte que secou pela crise, quando, na verdade, era a abundância da fonte que estava irrigando toda nossa economia, mesmo sem nenhum esforço de nossa parte.

Os exemplos de nossa incapacidade estão diariamente nos jornais. Os responsáveis pelas fraudes na Enron e Worldcom estão se deparando com penas de prisão de dezenas de anos. Nada nem parecido acontece aqui, onde bancos quebram e os banqueiros

continuam ricos. A sensação de impunidade no Brasil, infelizmente, não é apenas uma sensação.

O caso da Brasil Telecom é emblemático. Nem vamos entrar no mérito sobre quem tinha razão, se o Opportunity, o Citibank, os fundos de pensão ou a Telecom Itália, mas o fato é: foram anos de disputas judiciais, atrapalhando o planejamento da companhia e prejudicando seus acionistas minoritários.

A própria existência de uma “câmara de arbitragem” entre as regras de governança da Bovespa dá a medida da insatisfação com o ambiente regulatório. Mais do que isso, o fato de companhias abertas aderirem a essas regras, prova que elas reconhecem a importância de uma justiça rápida e eficaz.

Finalmente, para concluir esse artigo, gostaríamos de parabenizar a Lojas Renner e a Gol por terem sido os exemplos do artigo do Financial Times. Elas não estão sozinhas e fazem parte de uma “elite corporativa” que está mostrando que um outro Brasil é possível.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil
E-mail: mverissimo@gazetamercantil.com.br

Agenda do Investidor – 17/01

			
Ripasa	18/01	-	-
VCP	18/01	20/01	-

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br